

**TERRITÓRIO, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE: O USO DA MÚSICA PARA
A COMPREENSÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS**

Lucas Labigalini Fuini, Alice Martins De Farias, Elaine Cristina Santos Gomes, Sérgio
Almeida Pereira Machado

Eixo 7 - Propostas curriculares e materiais pedagógicos no ensino e na formação de
professores

- Relato de Pesquisa - Apresentação Pôster

O presente artigo pretende contribuir com o ensino de Geografia, tanto em nível escolar quanto no nível de graduação, através da perspectiva de investigação do conceito de “território” e suas novas variantes de análise difundidas na Geografia brasileira contemporânea, como as concepções de territorialização, desterritorialização, reterritorialização e as territorialidades e microterritorialidades. Nesse sentido, considera-se que o recurso textual, em especial a música popular brasileira, pode auxiliar na contextualização e explicação de noções e conceitos fundamentais para a ciência geográfica, como é o caso do território, considerando os aspectos pedagógicos das canções para construir a mediação entre conceitos científicos e conceitos escolares, tarefa fundamental para o ensino de Geografia. Este artigo é um dos desdobramentos dos trabalhos realizados no projeto educativo de extensão denominado “O uso de letras de música no ensino de Geografia: Uma proposta para além da sala de aula”, realizado em instituições de ensino do município de Ourinhos/SP desde 2012.

TERRITÓRIO, TERRITORIALIZAÇÃO E TERRITORIALIDADE: O USO DA MÚSICA PARA A COMPREENSÃO DE CONCEITOS GEOGRÁFICOS

Lucas Labigalini Fuini¹; Sérgio Almeida Pereira Machado²; Alice Martins Farias³; Elaine Cristina Santos Gomes⁴. UNESP - Campus Experimental de Ourinhos

1. INTRODUÇÃO

O território aparece como um dos conceitos fundamentais da ciência geográfica, construindo o edifício dessa ciência desde que ela se constituiu em termos oficiais e institucionais, a partir do final do século XIX. Sendo conceito, ou seja, uma abstração a designar um conjunto de relações e processos, o território também apresentou, no desenrolar da história do pensamento geográfico, diferentes designações, conforme o contexto histórico ou o referencial filosófico e ideológico a tratá-lo.

Mais recentemente, a ciência geográfica retoma com ímpeto o emprego desse conceito para a análise da realidade socioespacial, obliterando inclusive, outros conceitos fundamentais, como região e espaço geográfico. A ciência geográfica brasileira também passa a se situar nesse debate com mais força a partir de meados dos anos 1990, atendendo ao prenúncio do geógrafo Milton Santos a tratar do “retorno do território”, ou do território usado, como ele mesmo definia (SANTOS, 2002). O “território usado são os objetos e ações, sinônimo de espaço humano e espaço habitado” (SANTOS, 2002, p. 16), onde se encontram as horizontalidades (lugares vizinhos, continuidade territorial, espaço banal) e as verticalidades (pontos distantes uns dos outros ligados por formas de processos sociais, redes).

Posteriormente, outros geógrafos se inseriram nesse debate e voltaram seus olhares ao conceito, com especial atenção para as novas qualidades que assumia com o processo de globalização e mundialização da economia e os movimentos de reestruturação produtiva do território (CHESNAIS, 1996; CASTELLS, 2003). Assim, aparecem com força também outras duas especificidades do território: seu conteúdo, ou as territorialidades, e sua ação ou movimento, as territorializações, desterritorializações e reterritorializações.

Para Boligian (2003), os conceitos ou as categorias-chave de cada ciência podem ser empregados como elementos “facilitadores” do processo de aprendizagem, na medida em que passam a nortear os conteúdos escolares, criando condições para que os processos pedagógicos tenham maior sucesso no âmbito da sala de aula. Além disso, esse

aprendizado de conceitos, para se tornar mais atraente e significativo ao aluno, pode partir do entendimento das representações sociais dos alunos, propiciando a atividade mental e física aos mesmos em situações de cooperação e interação (CAVALCANTI, 1998).

Mais especificamente, o território pode atuar como um conceito “facilitador” no ensino de Geografia, por entendermos que todos os outros conceitos geográficos fundamentais estão, de certa forma e, em escalas diferentes, contidos implicitamente nesse conceito.

Pela sua abrangência teórica, o conceito de território nos parece ser mais que um conceito-chave da Geografia. Na realidade, o território é, por assim dizer, um metaconceito da ciência geográfica. (BOLIGIAN, 2003, p. 236).

E, adicionalmente, a música - com suas letras - se coloca como instrumento importante e favorável à discussão e reflexão coletiva em sala de aula sobre conceitos da Geografia, estimulando a estruturação de conceitos científicos em conceitos escolares através da observância de dois elementos: cotidiano/vivência do aluno e a relação dialógica aluno-professor aluno.

As letras musicais, por seu conteúdo rico, popularidade e atualidade, estimulam o aprendizado de conteúdos geográficos, pois, instigam os alunos ao interesse pela descoberta do novo e dão ao professor outros meios para realizar seu papel de intervenção na aprendizagem, problematizando e reconstruindo os conteúdos aprendidos na escola. Tais considerações foram construídas a luz da experiência que tivemos com o projeto “O uso de letras musicais no ensino de Geografia: Uma proposta para além da sala de aula”, supervisionado pela Proex/Unesp e desenvolvido nos anos de 2012 e 2013 em escolas da rede pública estadual de ensino e em outras instituições educativa do município de Ourinhos.

2. OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O presente artigo tem como objetivo oferecer sugestões para o desenvolvimento de um raciocínio geográfico (CAVALCANTI, 1998) sobre o conceito de território e suas dinâmicas mais recentes com uso de letras da música popular brasileira. A desterritorialização, reterritorialização e as territorialidades múltiplas podem ser analisadas com as referências históricas e geográficas que nos trazem as músicas, servindo como recurso discursivo e mediação didática para o trabalho de pesquisa e docência em Geografia.

Além disso, busca-se também uma atualização e sistematização sobre as novas tendências da discussão territorial na Geografia brasileira, pautada nas perspectivas de relações de poder (RAFFESTIN, 1993), do território usado (SANTOS, 2002; SANTOS; SILVEIRA, 2010) e do território imaterial/simbólico (SPÓSITO, 2003), pretendemos

demonstrar que a ciência geográfica e suas pesquisas de vanguarda devem ser apropriadas pela escola em seu trabalho educativo, apresentando a música como mediação no processo de construção de conceitos.

As justificativas para a realização desse estudo decorrem do papel chave que o conceito de território exerce nas pesquisas científicas da Geografia brasileira contemporânea. Além disso, ressalta-se aquilo que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia (2002) já apontavam ao conferirem aos conceitos, dentre os quais o de território, a condição de eixos estruturantes no ensino-aprendizagem de conteúdos, habilidades e competências. E, por fim, há um reconhecimento atual da importância da música como inspiração para investigações sobre lugares e paisagens, pois aparecem como relatos de cotidianos e eventos socioespaciais (SANTOS, 1996), além de exercerem um papel pedagógico fundamental de estímulo e aproximação dos alunos com os conteúdos escolares e como ferramenta de exercício da criatividade e autonomia (FUINI, 2013).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

Kong (2009) ressalta que a música pode e deve ser utilizada na análise de paisagens, ambientes e espaços, pois, serve como elemento de contextualização para análise de fatos e eventos socioespaciais, além de ter também uma função pedagógica, no ensino de Geografia para crianças e jovens. O presente artigo propõe, inicialmente, a construção de um breve quadro explicativo sobre conceitos científicos e escolares e o conceito de território na Geografia, conforme autores selecionados (RAFFESTIN, 1993; COSTA, 2004; SAQUET, 2007, SANTOS, 1996, 2010).

Posto o contexto teórico do estudo, analisaremos letras de música selecionadas, considerando suas fortes referências geográficas, envolvendo espaços e tempos específicos. As músicas são as seguintes: *Sobradinho*, de Luis Carlos Sá e Guttemberg Guarabyra; *Saudosa Maloca*, de Adoniran Barbosa; *Aluga-se*: Raul Seixas e Cláudio Azevedo; *Disneylândia*: Titãs. Analisaremos alguns de seus trechos de forma a incorporar as perspectivas da territorialização, com seus prefixos "des" e "re"; e a ideia de territorialidades, com seus prefixos "des" e "micro".

Durante a análise das músicas, conforme sua contextualização histórico-geográfica, definiremos também as noções de "território político", "território cultural" e "território cultural".

4. O TERRITÓRIO E SUAS NUANCES

O território é o recorte espacial definido por relações de apropriação, poder e de controle sobre recursos e fluxos baseado em aspectos políticos, econômicos e culturais (HAESBAERT, 2006; SAQUET, 2007; SPÓSITO, 2004). O território contém formas diversas de apreensão e de manifestação individual e coletiva de um Estado, grupo cultural, classe social ou atividade econômica.

Isso é chamado por territorialidade, ou seja, o próprio conteúdo do território, suas relações sociais cotidianas que dão sentido, valor e função aos objetos espaciais. Essas territorialidades são associadas aos diferentes tipos de usos do território. A desterritorialidade seria, portanto, resultado de um processo de desterritorialização, na perspectiva do desenraizamento dos produtos, capitais, mão de obra e, sobretudo, de grupos étnicos, lealdades ideológicas e movimentos políticos em processos de transferências de fronteiras e identidades territoriais. Trata-se um processo de transferência de fronteiras, raízes, centros decisórios, pontos de referência nas esferas econômica, política e cultural (IANNI, 1992; apud NEVES, 2002).

Haesbaert (2006) reivindica o uso da noção de “multiterritorialidade” à dinâmica combinada de múltiplos territórios em termos de justaposição e convivência da diversidade territorial representada pelas dimensões sociais, escalas e dinâmicas.

Essas dinâmicas se desdobram num *continuum* que vai do caráter mais concreto ao mais simbólico, sem que um esteja dicotomicamente separado do outro. No caso de um indivíduo ou grupo social mais coeso, podemos dizer que eles constroem seus (multi) territórios integrando, de alguma forma, num mesmo conjunto, sua experiência cultural, econômica e política em relação ao espaço (HAESBAERT, 2006, p. 341).

Poderíamos tratar então de territorialidade associada a grupos sociais, eventos culturais e religiosos, intervenções públicas, investimentos privados etc. A territorialidade se expressa em espaços e tempos distintos e, às vezes, simultâneos, como é o caso dos centros urbanos, com as territorialidades do comércio entrecruzadas pelas territorialidades das tribos urbanas, do trânsito, das igrejas, enfim, com a justaposição de territorialidades sagradas e profanas. Até mesmo podemos tratar de territorialidades cíclicas, com o uso de espaços urbanos pela atividade empresarial durante o dia e, à noite, pela prostituição e por usuários de drogas, por exemplo.

Já a territorialização, ou reterritorialização, seria o movimento de se constituir referenciais simbólicos e identitários (materiais e imateriais) junto a um recorte espacial definido, dotando-o de unidade. Poderia ser também chamada de *enraizamento territorial*,

vinculando populações, empresas e instituições de governo ao território. A desterritorialização, em seu oposto, representa a extroversão e desenraizamento de povos, atividades sociais e econômicas e comunidades de seus territórios, correspondendo à perda de identidades e do enraizamento. A reterritorialização, por sua vez, compreende o movimento de reconstrução e retomada de laços de identidade e inserção territorial sob novas bases de qualificação.

Segundo Haesbaert (1999), uma das marcas centrais do movimento de desterritorialização moderno e globalizado seria a produção de aglomerados, símbolos da chamada “desterritorialização extrema” e “precária”, que nos trazem a perspectiva de uma massa disfuncional sem identidade e espacialmente definida por um ponto, linha ou superfície.

Haesbaert (2006) e Haesbaert; Ramos (2004), quando realizou sua fundamental reflexão sobre a desterritorialização do capital e da população e cunhou a relação entre redes e aglomerados, deu enfoque aos conjuntos populacionais em situações de exclusão social e marginalização econômica, os aglomerados de exclusão. Ao sistematizar uma tipologia para aglomerados, aparecem três tipos centrais: aglomerados radicais, marcados pelas condições de vida precárias e extremas, como os refugiados e deslocados em áreas de países pobres; aglomerados tradicionais, vivendo em situações endêmicas de exclusão e fome (Ex.: sertão nordestino brasileiro); e os aglomerados transitórios ou conjunturais, geralmente de caráter ilegal ou clandestino e marcados pela violência e medo (Ex.: favelas dominadas pelo narcotráfico).

Mais recentemente surge outra linha de análise territorial, também preocupada com os modos de apropriação simbólicos e culturais, definida pelas “microterritorialidades”. Segundo Fortuna (2012), a microterritorialidade seria uma modalidade de socialização articulada a valores, subjetividades e afetos, reconhecendo formas de organização social não-institucionais e transformações radicais de valores e estilos de vida.

A microterritorialidade pode também ser abordada como uma escala interpretativa dos eventos motivadores de ações territoriais, sendo notada de forma mais concreta através dos estilos de vida urbanos e suas manifestações coletivas e individuais. Um exemplo dessa perspectiva seria o trabalho de Turra (2003) sobre o movimento punk em Londrina, conforme a perspectiva das representações e apropriações espaciais por um grupo de jovens com identidade cultural e territorial.

Segundo Chelloti (2010), existe um consenso de que toda identidade é uma construção social e que os diferentes grupos sociais, ao longo do tempo, criaram significados,

construindo identidades, sejam elas vinculadas a uma determinada cultura, ideologia, religião, etnia, territorial, dentre outros. Além disso, a identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial, construindo a ideia de territorialidade.

5. O TERRITÓRIO E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Esse trabalho de reflexão científica e de reflexão sobre o ensino de conceitos geográficos, como o de "território", pode ser realizado com uso de músicas populares. Kong (2009) reconhece que a música popular ainda não foi reconhecida como área de investigação geográfica, pontuando é um elemento de penetração em todas as sociedades conhecidas, sendo constitutiva do cotidiano e da identidade das pessoas. Assim, delinea fatos que podem estimular a constituição de um programa de pesquisas sobre "Geografia da música": 1º.) A música de um determinado local traz imagens dele; 2º.) A música pode servir como fonte primária para se compreender o caráter e identidade dos lugares; 3º.) A música é um meio para as pessoas comunicarem suas experiências ambientais de "espaço" e de "lugar"; 4º.) A música é o resultado de experiências ambientais.

Carney (2007) busca entender a música através dos lugares (*topofilia*) e entre diferentes lugares (*heterotopia*), estabelecendo padrões, similaridades, diferenças e conexões. Nesse sentido, o autor nos mostra as possibilidades de se estudar conjuntamente os lugares e a música através de uma hierarquia de lugares, revelando as diferentes formas de percepção e manifestação musical, conforme as ruas, bairros, cidades, estados e províncias, regiões e nações, elementos espaciais que são associados a diferentes tipos de lugares. Posto isso, os lugares também podem servir como: fontes de inovação e de resistência musical; fontes para composição musical através de seus elementos naturais; referências para movimentos espaciais de gêneros e subgêneros musicais e, por fim, como instrumento para percepção e construção de imagens e mapas mentais sobre os lugares.

Desse modo, percebe-se a vinculação entre os conceitos geográficos e as referências e contextualizações que as músicas nos oferecem para seu entendimento, servindo como recurso científico e didático para seu entendimento e apropriação, um recurso a favorecer a transposição didática. Para Mello (s/d), a transposição didática define a transformação de objetos de conhecimento (saber científico e práticas sociais) em objetos de ensino, através da: a) seleção e recorte do conteúdo; b) ênfase em alguns aspectos ou temas; c) divisão do conhecimento para sua compreensão; d) distribuição do conhecimento

no tempo, um ordenamento; e) organização e apresentação dos conteúdos (textos, gráficos e mapas). Boligian (2003) complementa, baseado em Chevallard (1991), que a transposição didática envolve um esforço de transformar um objeto de saber científico, como é o caso do conceito científico, em um objeto de ensino, um saber a ser ensinado em sala de aula.

Em texto anterior (2013), destacamos que as letras musicais podem ser utilizadas no ensino de conceitos geográficos, em perspectiva sócio-histórico-cultural e construtivista (CAVALCANTI, 1998), considerando a importância de formação de um raciocínio espacial no processo de construção de conhecimentos pelo aluno mediado pelo professor. Oliveira; Silva, et alii (2005, apud FUINI, 2013) afirmam que a música, como um meio de comunicação, pode ser considerada um apoio pedagógico e instrumento facilitador na superação de algumas barreiras do processo de ensino-aprendizagem, criando situações em que o aluno se sinta atraído pelas propostas do professor e o mesmo seguro para propor situações de aprendizagem sobre determinados conteúdos.

A música "*Saudosa Maloca*" foi lançada pelo famoso sambista paulista Adoniran Barbosa em 1951, aparecendo como exemplo emblemático do processo de urbanização e metropolização do espaço e avanço da especulação imobiliária, com a segregação das classes mais pobres no espaço urbano que perdem suas moradias junto às áreas centrais (os chamados cortiços) e migram para as periferias.

Corrêa (2001) define a periferia como áreas mais afastadas dos núcleos centrais e formadas pela justaposição de loteamentos ("um mosaico irregular"), com precariedade de equipamentos de consumo coletivo, além da prática de compra a prazo da habitação, geralmente autoconstruções precárias e não terminadas. São também as áreas mais suscetíveis a doenças e moléstias, enchentes e deslizamentos de terras e a assunção da criminalidade. No entanto,

(...) é na periferia que se formam os movimentos de moradores que reivindicam melhores condições de vida, uma cidadania plena (...). A periferia não se refere apenas à localização distante. Ganha também um sentido de metáfora ao ser identificadora como sinônimo de exclusão, de precariedade das condições de vida (CORRÊA, 2001, p. 162).

Escrita em linguagem coloquial, típica dos trabalhadores pobres e grupos populacionais com pouca instrução formal, a música traz uma série de trechos que remetem às identidades territoriais ("Foi ali seu moço (...)/ Construimos nossa maloca", "Passemos dias felizes de nossas vidas"), a territorialização do capital imobiliário ("Esse edifício arto"/ "Veio o homem com as ferramentas, o dono mandou derrubar") e à desterritorialização das classes pobres

("Peguemo todas nossas coisas"/ "Fumo pro meio da rua"/ "Nóis arranja outro lugar"), gerando aglomerados de exclusão metropolitanos ("Hoje nóis pega paia nas grama dos jardins").

Segundo Haesbaert (1999), os aglomerados de exclusão são resultantes do processo de desterritorialização extrema. Os aglomerados de exclusão, identificados, geralmente, com refugiados e deslocados de situações de guerra, fome e pobreza extrema, com afetados por secas e intempéries climáticas e por população associada à ocupação desordenada em favelas e áreas ocupadas pelo tráfico de drogas, seria definidos por uma certa fluidez marcada pela instabilidade e insegurança constantes, principalmente em termos de condições materiais de sobrevivência, pela violência frequente e pela mobilidade destruidora de identidades.

Tratam-se (...) de espaços sobre os quais os grupos sociais dispõem de menor controle e segurança, material e simbólica. A desterritorialização arrasadora dos aglomerados excludentes produz assim o anonimato, a anulação de identidades e a ausência praticamente total de seus habitantes (HAESBAERT, 1999, p. 193).

O contexto histórico era o do Brasil em processo de industrialização e com discurso nacionalista de crescimento e modernização econômica, com fortes movimentos de êxodo rural. As territorialidades do trabalho e da moradia ("pega paia", "casa vieia", "maloca") também são evidenciadas na música. Os territórios *econômicos* (do mercado imobiliário, da valorização dos terrenos nas cidades), *políticos* (Estado favorecendo os grandes empreendimentos imobiliários - que privatizam o espaço urbano – e omitindo-se da responsabilidade pelas populações excluídas e sem moradia) e *culturais* (solidariedade entre pessoas no lugar, mesmo sem condições financeiras, associação de felicidade com o lugar).

É o período de implantação de um meio técnico-científico no Brasil, com a definição de uma região concentrada formada pelo Sudeste, Sul e Centro-Oeste e início de uma urbanização interior do país, com a integração econômica do espaço nacional, além da criação de um embrião de transportes modernos em São Paulo e consolidação da hegemonia paulista nos investimentos industriais e em serviços.

A modernização do país, já iniciada sob o regime de Getúlio Vargas, facilitara a concentração econômica e espacial. A rápida expansão da indústria no 'centro' passava a exigir mais mercados, não apenas fora, mas também dentro do país (SANTOS; SILVEIRA, 2010, p. 44).

Servindo-se do mesmo contexto assinalado acima, a música "Sobradinho" é de composição de Luis Carlos Sá e Guttemberg Guarabyra, seu parceiro, em fins dos anos

1970. A canção se refere ao contexto de construção da Usina hidrelétrica de Sobradinho, no rio S. Francisco, em 1976, e o impacto social e ambiental que o lago criado exerceu sobre as vilas e cidades que foram inundadas, remetendo à profecia de Antônio Conselheiro, líder da revolta de Canudos: "O sertão vai virar mar".

A perspectiva da "territorialização" da hidrelétrica, com a imposição do discurso econômico, levou à "desterritorialização" de cerca de 70 mil pessoas das localidades citadas na música ("Casa Nova", "Sento Sé", "Pilão Arcado"). A perspectiva de apropriação e produção do espaço ("O homem chega e já desfaz a natureza", "tira gente, põe represa"), originária do território, remete também ao território político da Bahia e a dissolução de diversas territorialidades e identidades culturais que se associavam aos lugares ("Por baixo d'água lá se vai a vida inteira"), produzindo a desterritorialização com exclusão ("O povo vai se embora com medo de se afogar"). O contexto histórico era do Brasil sob égide do regime militar autoritário e com planos de integração nacional via infraestrutura energética e de circulação, com a meta do crescimento econômico como projeto de país sendo utilizada inclusive para reprimir, de forma violenta, grupos contrários ao regime.

A territorialização, em termos políticos e econômicos, expressa a ideia de espaço controlado e apropriado por relações de poder institucionalizadas, geralmente associadas ao poder político do Estado, além de também servir como fonte de recursos econômicos ou associado à relação capital-trabalho e à luta de classes, delineadas pela divisão territorial do trabalho (HAESBAERT, 2006). Na canção "Sobradinho", o território político da ação do Estado ditatorial em um projeto de infraestrutura é interdependente do território econômico da produção de energia para as atividades econômicas agrícolas e industriais, em contraponto, a desterritorialização das famílias dedicadas à agricultura familiar e a ruptura dos vínculos sociais e culturais que ali existiam. Essa desterritorialização, com quebra de vínculos de identidade e, em alguns casos, dos meios de sobrevivência, leva à necessidade de busca de uma reterritorialização precária, em áreas mais afastadas, com a imposição do discurso do "moderno" versus o "arcaico", o "atrasado".

A música "Aluga-se", de Raul Seixas e Cláudio Roberto Azevedo, lançada em 1980, ainda no período militar, traz uma crítica ao modelo econômico brasileiro. Sua letra contém fortes elementos da perspectiva de território econômico e político ("Negócio bom assim ninguém nunca viu"/"Alugar o Brasil"), colocando em discussão a soberania nacional e a identidade territorial brasileira face à internacionalização do capitalismo com as multinacionais ("Os estrangeiro eu sei que eles vão gostar"), com a desterritorialização de pessoas de lugares e regiões ("A Amazônia é o jardim do quintal"), pela mobilidade do

capital transfronteiriço ("O dólar deles paga o nosso mingau"), com homogeneização cultural ("É tudo free, vamo embora") e a deslocalização exacerbada face à "tirania do dinheiro", como nos coloca Santos (2000).

A música "Disneylândia", composta por Arnaldo Antunes e Paulo Miklos, da banda paulistana Titãs, lançada em 1992, faz menção ao processo de globalização e à mobilidade crescente do capital, das pessoas, produtos, dos idiomas e elementos culturais, nesse mundo "aparentemente" integrado e sem fronteiras.

A ideia de desterritorialização traz uma associação direta com perspectiva da globalização. Santos (1996) afirma que a ordem global (que funda as escalas superiores ou externas à escala do cotidiano) é desterritorializada, separando o centro da ação da sede da ação, em um "espaço movediço" de pontos dependentes de fatores externos. A ordem local, em contraponto, seria reterritorializadora, pois reúne em uma mesma "lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas", em um cotidiano localmente vivido" (p. 272-273).

A canção, desse modo, serve como relato fictício de um mundo interconectado em diversas cenas e situações de interdependência, nos remetendo constantemente à perspectiva da "desterritorialização" e da "reterritorialização" ("Filho de imigrantes russos, casado na Argentina com uma pintora judia"), com a saída de pessoas de alguns países e lugares e fixação e enraizamento em outros. Remete-nos também a territórios (em movimento de desterritorialização) em perspectiva econômica ("Multinacionais japonesas instalam empresas em Hong Kong", "matéria-prima brasileira"; "madeira colombiana"), político-jurídica ("armênios naturalizados no Chile", "crianças iraquianas fugidas da guerra", "não obtém visto no consulado americano do Egito") e cultural ("Literatura grega adaptada para crianças chinesas da comunidade européia"). Além disso, expõe também vários elementos de territorialidades e microterritorialidades ("camelôs no bairro mexicano de Los Angeles").

A canção "Disneylândia", portanto, remete mais à característica da desterritorialização como fenômeno econômico e cultural criado a partir e pela globalização contemporânea. A globalização econômica contemporânea se define pela integração desigual dos países do globo nas redes criadas pelas tecnologias de informação e comunicação (Internet, satélites, fibra óptica), pelo sistema financeiro mundial, pelo comércio mundial alicerçado na divisão internacional do trabalho impetrada pelas corporações multinacionais e, pela hegemonia do discurso neoliberal de Estado mínimo, em uma geometria de poder variável que define os "espaços de comando", os globalizadores, e os "espaços comandados", os globalizados. Seu

conduto, portanto, seria o modelo de acumulação flexível, pautado nos esquemas de subcontratação e terceirização interempresariais, na desregulamentação público-estatal, na reestruturação da produção e sua automatização crescente e na flexibilização/precarização do trabalho (HAESBAERT, 2006, p. 173). No entanto, o mesmo autor pontua que “a fragmentação e fragilização que atingiram o campo do trabalho e da produção nas últimas décadas podem ser consideradas componentes essenciais para configurar os processos de desterritorialização”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Santos (2002), o retorno do território, como noção importante para a análise social, se dá como superação do conceito herdado da modernidade que limitava o território como fundamento do Estado-nação, que o moldava. O território, junto do povo e a soberania, é um dos elementos constituintes do Estado e se transforma em espaço quando ocorre seu uso pelo povo.

O território é imutável em seus limites, uma linha traçada de comum acordo ou pela força. Este território não tem forçosamente a mesma extensão através da história. Este território não tem forçosamente a mesma extensão através da história (SANTOS, 2002, p. 233).

Assim, com a transnacionalização do território, criam-se novas sinergias e novos vetores de funcionamento do território, como as perspectivas dialéticas que colocam lado a lado as horizontalidades e verticalidades, os lugares contíguos e os lugares em rede, o acontecer homólogo e o acontecer hierárquico, as normas locais e as normas globais.

Segundo Haesbaert (2006), a identidade transnacional ou a multiterritorialidade se refere a ideia de um território em movimento, um território dinâmico, que pode estar associado a grupos ou a multidão. Além disso, essa multiterritorialidade é criada no sentido de identificações variadas, tanto no sentido de uma consciência multi ou pluriescalar, com múltiplos espaços de referência identitários fomentados pelo domínio dos fluxos e mobilidade em um mundo de relações instantâneas; pela égide da flexibilidade das relações nas relações de trabalho e de produção, levando à deslocalização econômica e, a hibridização cultural que dificulta a formação clara de identidades culturais. Assim, sem dúvida, são colocados os desafios para nossa forma de ver, pensar e representar os territórios na contemporaneidade.

Desse modo, concebemos a importância de se oportunizar a formação de um raciocínio geográfico e espacial sobre o conceito de território e alguns de seus entendimentos e designações atuais, salientando o valor dos conceitos como eixos fundamentais do trabalho de pesquisa e ensino em Geografia, bem como reconhecendo o papel das canções populares como elementos de contextualização, representação e identificação relacionados aos diversos territórios, territorializações e territorialidades (FUINI, 2012).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela D. A transposição didática do conceito de território no ensino de Geografia. In: GERARDI, Lúcia H. **Ambientes: Estudos de geografia**. Rio Claro: Programa de Pós-graduação em Geografia – UNESP; Associação de Geografia teórica – AGETEO, 2003. p. 235-248.
- CARNEY, George. O. Música e Lugar. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny, **Literatura, Música e Espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- CAVALCANTI, Lana. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 1998.
- CHELLOTI, Marcelo C. Reterritorialização e identidade territorial. **Sociedade e Natureza**, Uberlândia, UFU, v.1, n.22, p. 165-180, abr. 2010.
- CORRÊA, Roberto. L. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- FORTUNA, Carlos. (Micro)territorialidades: Metáfora dissidente do social. **Terra Plural**, Ponta Grossa/PR, UFGP, v.6, n.2, p. 199-214, jul./dez. 2012.
- FUINI, Lucas. L. O ensino de conceitos geográficos e de seus conceitos através da música. **Geografia**, Rio Claro/SP, Ageteo, v. 38, n.1, p. 93-106, jan./abril. 2013
- FUINI, Lucas. L. Territórios e territorialidades da música: Explorando a letra musical como relato de cotidianos e lugares. **Anais do II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades**, Unesp, Presidente Prudente, 2012
- HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 2a. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- HAESBAERT, Rogério. A desterritorialização: Entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, I. E., et al., **Geografia: Conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p. 165-206.
- HAESBAERT, Rogério; RAMOS, Marina T. O mito da desterritorialização econômica. **Geographia**, ano 6, n. 12, p. 25-48, 2004.

- MELLO, Guiomar. N. Transposição didática, interdisciplinaridade e contextualização. S/d. Consultado em <<http://namodemello.com.br>>. Acesso em 19/11/2013.
- KONG, Lily. Música popular nas análises geográficas. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENTHAL, Zeny (orgs.). **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p.129-175.
- OLIVEIRA, H. C. M.; SILVA, M. G.; NETO, A. T.; VLACH, V. R. F. A música como um recurso alternativo nas práticas educativas em Geografia: Algumas reflexões. **Caminhos da Geografia**, Instituto de Geografia/UFU, v. 8, n. 15, p. 73-81, jun. de 2005.
- SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria. L. **O Brasil**: Território e sociedade no início do século XXI. 10 a. ed., São Paulo/Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L., **Território**: Globalização e fragmentação. 5ª. Ed., São Paulo: Hucitec/Anpur, 2002.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SAQUET, Marcos. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- SPÓSITO, Eliseu. S. **Geografia e Filosofia**: Contribuições para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Edunesp, 2004.

¹ Professor Assistente Doutor do Curso de Geografia da Univ. Estadual Paulista/Unesp, Campus de Ourinhos. É coordenador do projeto regular de pesquisa FAPESP, líder e integrante de Grupos de Pesquisa do CNPq, coordenador do Laboratório de Geografia Humana e coordenador de projetos de extensão e do Núcleo de Ensino. Email: lucasfuini@ourinhos.unesp.br.

² Aluno do curso de graduação (licenciatura e bacharelado) em Geografia da Univ. Estadual Paulista/Unesp, Campus de Ourinhos. Email: sergioalmeidapereiramachado@yahoo.com.br.

³ Aluna do curso de graduação (licenciatura e bacharelado) em Geografia da Univ. Estadual Paulista/Unesp, Campus de Ourinhos. Email: alicemartins0306@ig.com.br.

⁴ Aluna do curso de graduação (licenciatura e bacharelado) em Geografia da Univ. Estadual Paulista/Unesp, Campus de Ourinhos. Email: elaine_hc010@hotmail.com.